

Passaio do Agrupamento – 6 de Abril de 2013

Os Olivais

História

(Redigido por Amadeu Castilho Soares, Sócio nº 1 da Associação Amigos de Olivais Sul)

Em 1852, por decreto de 11 de Setembro foi criado o Concelho de Olivais. O seu brasão de armas, conferido por decreto de 25 de Julho de 1860, era constituído por «um escudo dividido em pala, tendo na primeira as armas de Portugal; na segunda, dividida em dois quartéis, no superior, em campo azul, a Rainha Santa Isabel, tendo à direita o Rei D. Dinis, seu marido, e à esquerda, seu filho, o Infante D. Afonso – todas as três figuras, de prata, com coroas e espadas de ouro. No inferior, em campo de ouro, duas oliveiras, da sua cor tudo encimado com a coroa real».

O brasão evoca a intervenção da Rainha Santa Isabel para fazer a paz entre o Rei D. Dinis e o Infante D. Afonso, no ano de 1323, em Alvalade.

Foram então integradas no Concelho de Olivais 21 freguesias – de Loures, Bucelas, Camarate e Vialonga até Lumiar e Campo Grande – num total de 6500 fogos.

Era o reconhecimento da importância e projecção atingidas pela velha Freguesia de Olivais, criada em 6 de Maio de 1397 pelo Arcebispo D. João Anes, confirmada pela Bula do Papa Bonifácio IX, em 1 de Julho de 1400 e pertencente ao Termo de Lisboa pelas cartas de doações feitas à cidade por D. João I, no ano de 1385.

O Concelho de Olivais viria a ser extinto em 26 de Julho de 1866, em consequência da ampliação da área de Lisboa e da nova divisão administrativa, ficando integrado no 1º Bairro da cidade.

Com base nos livros paroquiais, a partir do fim do séc. XVI, e nos livros dos arruamentos, destinados ao lançamento da décima, entre finais do séc. XVIII e meados do séc. XIX, é possível identificar os seguintes lugares da Freguesia de Olivais: Castelo (cujo nome provinha do apelido Castelo Branco, da família da principal quinta do sítio) ou Casas novas, Cavalões, Alagueza, Panasqueira (parte da qual deu origem a Encarnação), Portela, Estrada de Sacavém (lado da Bela Vista) Fonte de Louro, Bela Vista, Flamenga, Malapos, Chelas (parte), Alto de Chelas (ou Alto das Conchas), Prestes, Grilo, Cruz das Veigas, Marvila, Poço do Bispo, Olival de São Bento, Beato, Alfundão (ou Vale Fundão) Vale Formoso de Cima, Vale Formoso de Baixo (incluindo Braço de Prata), Alfernim, Desterro, Cabo Ruivo, Hortas, Moinhos de Dona Garcia, Praia, Laje, Jardim Castelo, Picão, Vale de Alcaide, Mesquitas, Poço de Cortes, Vale de Gralhas, São Cornélio, Fonte, Rossio, Tanque Velho, Aldeia, Beirolas, Marcos e Murteira.

Logradouro da fidalguia e das famílias endinheiradas de Lisboa, que se acolhiam a quintas atraentes, algumas famosas, atraídas pela amenidade dos ares e a beleza da paisagem ou para procurar refúgio durante as epidemias que grassavam na cidade. Era uma vasta área semeada de pequenos aglomerados rústicos, vivendo da exploração dos olivedos, das hortas e dos rebanhos e contando, já em meados do séc. XIX, alguma actividade industrial (fabricas de alvaiade, bolacha, cortiça, tinturaria e estampagem, lanifícios, loiça de barro e loiça fina, massas e moagem, papel de escrever e papelão, sabão, tabaco e tecidos de algodão).

A povoação de Olivais terá nascido no séc. XVI. Numa elevação de terreno despovoado, rodeado de fazendas, foram constituídos, em 1566, por aforamento de Francisco Carreiro, vários chãos de 10 varas de largo, junto à Igreja, de um morgado que herdara «para se fazerem casas». Assim terá nascido o Largo ou Rossio da povoação e a Calçadinha. Com o andar dos anos o pequeno aglomerado foi adquirindo forma e já em 1647 é assinalado o seu hospital para pobres. Data de 1636 o cruzeiro de pedra no adro fronteiro à Igreja, com dedicatória a Nossa Senhora do Rosário. No ano de 1896 o Asilo da Viscondessa dos Olivais, hospital ou albergue é inaugurado em 24 de Maio e entregue aos cuidados da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, pelo que o Largo ou Rossio passou a denominar-se Praça da Viscondessa dos Olivais, o chafariz, gradeado de ferro é de 1891 bem como o coreto de música que substituiu o primitivo, feito de madeira.

No último quartel do séc. XIX a povoação de Olivais conta 50 fogos e 200 almas, num sítio sobremaneira agradável, fértil e aprazível, em terreno alternado de frondosos arvoredos, tendo muitas quintas com suas casas de campo.

A Igreja Paroquial (Santa Maria dos Olivais) é antiquíssima, não se sabendo por quem nem quando foi fundada. Sabe-se apenas que já existia em 1420.

Segundo a tradição, a imagem da Padroeira apareceu num olival, dentro da cavidade do tronco de

Passaio do Agrupamento – 6 de Abril de 2013

uma oliveira. Daqui veio o nome da Padroeira e depois, da Freguesia. Em 1700 o tronco da oliveira, conservava-se ainda na sacristia da Igreja.

Este templo foi a primeira casa da Congregação dos Cónegos (Loyos) de São João Evangelista, que teve início pelos anos de 1420, reinando Dom João I, e foi-lhes oferecida pelo prior da Freguesia «que era paróquia e a mais antiga que se sabe; a qual teria tido até ali muitos priores antes deste» (Sanctuário Marianno).

A estrada que conduzia de Lisboa aos Olivais passava junto do arvoredo que cercava a Igreja. Antes de chegar a Olivais a estrada passava por São Cornélio, mosteiro de religiosos arrábidos «situado em uma planície cercada de bastos arvoredos que fazem deste sítio muito aprazível».

Este mosteiro foi fundado em 1674, numa ermida que existia no local, dedicada a Nossa Senhora da Estrela. Começou por ser um hospício ou casa de convalescência dos religiosos da Ordem. Em 1718 o edifício foi ampliado, sendo então constituído um mosteiro regular. Embora pequeno e de grande simplicidade este templo foi centro notável de romarias e, «por usança singular, o povo oferecia a São Cornélio uns cornos de prata ou de cera, segundo o voto ou promessa que lhe haviam feito». Julga-se que tal facto provinha de o Santo ser invocado contra as moléstias do gado bovino.

Em 1834 os religiosos foram expulsos e o mosteiro e a sua cerca passaram a servir de residência do pároco da freguesia.

No séc. XX, a partir dos anos 60, com a urbanização das propriedades agrícolas, a Freguesia dos Olivais perdeu as características rústicas mantidas durante mais de 600 anos. O velho lugar de Olivais não é mais do que uma presença histórica na enorme mancha urbana de prédios e equipamentos modernos.

Adaptado de «*A Antiga Freguesia de Olivais*», de Ralph Delgado, Grupo dos Amigos de Lisboa, 1969, e «*Dicionário de Português Antigo e Moderno*», de Augusto Soares A B Pinho Leal, Livraria Editora de Mateus Moreira & Companhia, 1875.